



# LIVIA GARCIA-ROZA E O PARADOXO FAMILIAR

---

LIVIA GARCIA-ROZA AND THE FAMILY PARADOX

Elódia Xavier<sup>1</sup>

*Resumo:* O espaço privilegiado é e sempre foi a família na obra da autora. De *Solo feminino* (2002) a *Meus queridos estranhos* (2017), passando por *Amor e desacerto* e *Meu marido*, a narrativa se baseia nos conflitos familiares. No seu último romance publicado, o leitor pode sentir a presença do individualismo, devido à crise da família tradicional. As mudanças socioeconômicas e culturais explicam o que Bauman chama “vida líquida”. Em *Meus queridos estranhos*, a protagonista narradora está em busca do seu próprio espaço.

*Palavras-chave:* Família; Gênero; Solidão.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: xavierelodia@gmail.com.

---

Abstract: *The privileged space is and has always been the family in the female author's work. From Solo feminino (2002) to Meus queridos estranhos (2017), including Amor e desacerto and Meu marido, the narrative is based on family conflicts. In her last published novel, the reader can feel the presence of individualism due to the crisis of the traditional family. Changes in the socioeconomic and cultural organizations explain what Bauman calls a "liquid life". In Meus queridos estranhos, the main character is in search of her own space.*

Keywords: *Family; Gender; Solitude.*

Publiquei em 1998 *Declínio do Patriarcado. A família no imaginário feminino*, pesquisa feita na USP em meu Pós-doc. No Capítulo introdutório saliento a ação repressora do condicionamento familiar, aspecto quase sempre presente nos textos de autoria feminina, estudados nessa pesquisa. Hoje, em 2017, analiso um romance de Livia Garcia-Roza, *Meus queridos estranhos*, onde a família continua sendo o espaço da ação narrada. Mas que diferença! Não há mais repressão, embora os conflitos persistam.

Descobri, recentemente, que este romance foi publicado pela primeira vez em 1997 e relançado pela Companhia das Letras, como primeira edição, em 2017. O dado curioso se explica pela atualidade do tema, há vinte anos atrás sem grande repercussão, fato que não interfere no estudo do texto em questão. O espaço privilegiado na obra da autora é e sempre foi, a família. Por exemplo, em *Solo feminino* (2002), a relação com a mãe, muito amada pela protagonista narradora, se constitui num dos obstáculos para sua realização sexual. Uma vez a mãe morta, a libertação desejada se expressa através da metáfora de uma gaiola que se "rompeu numa algazarra infinita de pássaros". Os relacionamentos são conflituosos, mas narrados com humor, o que lhes empresta leveza, afastando-os de toda dramaticidade. A dualidade do subtítulo, *Amor e Desacerto*, lembra os "queridos estranhos" do romance de 2017, apontando para o paradoxo atual. Em *Meu marido* (2006), o personagem que dá título ao livro é o protótipo do machão, dono da verdade. Delegado de polícia vive embriagado mas não perde a pose, aguardando sempre a aquiescência da narradora, sua mulher, objeto sexual. "Diz ele: "Mas vamos ao que interessa: esta noite, prepare-se, será memorável. Terá festa na embaixada, com a presença honorífica do nosso digníssimo". Ao final, depois de anunciar a própria morte inúmeras vezes, acaba morrendo no meio da rua, nos braços da mulher. É quase uma caricatura, onde o humor desconstrói a prepotência masculina.

Jeni Vaitsman, ao estudar as transformações da família, antes patriarcal, chama a atenção para o surgimento do individualismo. "As noções de

---

igualdade e liberdade que se desenvolveram junto com as sociedades modernas constituíram o eixo do individualismo...” (p.14). A crise da família e do casamento modernos foi provocada pelo abalo de seus fundamentos: divisão sexual do trabalho e dicotomia entre público e privado atribuída segundo o gênero. Essas transformações na organização socioeconômica e cultural, que atingiram boa parte do mundo contemporâneo, explicaria o que Bauman chama de “vida líquida”. Citando, novamente, Jeni Vaitsman: “A família, o ego, o casamento assumiram novas formas, tornaram-se mais plásticos e flexíveis, refazendo seus limites com frequência.”(p.18) E ela termina o artigo falando das pluralidades e singularidades, irreduzíveis entre si.”É essa a pedra angular na reconstrução cultural, política e institucional das formas de organização da vida cotidiana.” (p.20)

O que isso tem a ver com o drama narrado pela protagonista de *Meus queridos estranhos*? Tudo! A narradora protagonista nem nome tem e vive numa família pós-moderna. É como um estranho no ninho. Desacerto, desajuste, desequilíbrio, desconforto fazem parte de sua vida cotidiana. “Ela percebeu que eu estava convulsionada. Vivo assim sem que precise acontecer nada.” (p.74)

No início da narrativa, ela está casada com Manuel, um cinéfilo alegre e extrovertido que a leva para reuniões com seus amigos, onde ela não participa das discussões. Casa por amor, tem uma lua de mel apaixonada, mas seu cotidiano com o marido não a satisfaz. Eles têm uma filha, Mariana, um dos pivôs dos dramas narrados. A protagonista é musicista e toca clarineta numa orquestra. Logo no primeiro capítulo, Manuel anuncia que quer se separar. Sem motivo aparente não aceita mais a vida de casado. A reação da protagonista é como um choque: “Pela primeira vez senti a morte instantânea. Me vi despencando do alto da janela e caindo feito um puzzle na calçada.” (p.9) O amor por Manuel perdura mesmo após a sua morte súbita. Depois de muito sofrimento, a protagonista se recupera e acaba se interessando por um colega da orquestra, Xavier, um musicista entregue aos prazeres da música. Não se conhece o passado dele, representado na narrativa pela filha e pelo neto, que vivem no estrangeiro. Dois personagens que vão contribuir para o desacerto da protagonista, pois a filha, em viagem ao Brasil, faz questão de ignorá-la. Acrescente-se a esta família, a personagem da mãe, senhora idosa que mora sozinha, com quem a protagonista não tem grande intimidade. “Bem, mamãe...Não nos olhamos de frente, o canto de olho dava conta de sabermos a quantas andávamos.Mal” Ela achava a mãe “um escombros. Uma ruína

---

sobrevivente”. A hipérbole é sempre usada como recurso humorístico. O importante é observar que não há comunicação espontânea. Aliás, os relacionamentos familiares, aqui, são todos mal resolvidos, pois a família causa medo à protagonista. “Tantos medos, e eu ainda não tinha falado do maior: família.” (p.53) O medo da família provém do fato de ser formada por pessoas diferentes dela, com as quais ela não se entende. Diz ela: “Estou cercada por pessoas que não me entendem” (p.93).

O relacionamento mais difícil, mais problemático é com a filha Mariana. Duas pessoas que vivem em épocas diferentes. A filha extravasa saúde e vitalidade. Com dezesseis anos engravidada do namorado, faz um aborto e logo adiante se casa com ele, já grávida de novo. É irrequieta e faz o que quer, ignorando as opiniões maternas. A protagonista é lenta, medrosa diante do desconhecido e consciente de que não tem vocação para ser mãe. Chega a pensar em “desistir de Mariana. Talvez não fôssemos afins. Existiam parentes assim” (p.107) Diz ela. A filha é produto de um tempo onde impera a busca individual dos objetivos de vida. Os pais não interferem nas escolhas dos filhos, embora, muitas vezes, pela sua experiência, reconheçam que não vai dar certo. Mas a liberdade prevalece. Daí os atritos. “Muito difícil ser mãe de Mariana; cada dia pior” diz a narradora. A permissividade é o caminho mais fácil, mas nem sempre o melhor, como atesta a protagonista. “Sempre que não sei o que dizer para Mariana, eu concordo, tem dado tão errado...” (p.77) Bauman, grande estudioso da pós-modernidade, compara a sociedade aos passageiros de um barco sem controle. Diz ele: “Aqueles a bordo do navio aceitam placidamente sua sorte e abandonam qualquer esperança de determinar o itinerário do barco. No final da aventura moderna num mundo humano autogovernado e autônomo, entramos na ‘época da conformidade universalizada’”. (p.73)

Xavier é o mais tranquilo da família. Mas essa tranquilidade é fruto de uma certa alienação. Muito envolvido pelo trabalho de musicista, foge das situações de conflito. “Xavier ensaiava no quarto que improvisou para ele. Eu zanzava, sem encontrar pouso.” A protagonista chama o quarto onde ele toca de “banker”, pelo seu caráter indevassável. Quando chamado a intervir nos conflitos familiares, procura contornar a situação com um leve sorriso nos lábios.

Os animais são como personagens na ficção de Livia Garcia-Roza. Eles contribuem para a confusão reinante no espaço familiar. Em *Solo feminino*, um

---

canário, de nome Arnaldinho, o xodó da mãe, está sempre a piar de forma estridente, nos momentos mais tensos. Em *Meu marido*, diz a narradora: “Temos uma vida confusa, apesar de sermos somente meu marido, eu e Raphael, nosso filho. Tem também a Dulce, babá do Raphael, e o cachorro, que Eduardo diz que é visionário, porque volta e meia caminha pela sala latindo, transtornado.” (p.6) Em *Meus queridos estranhos*, há o Tchimo, um rottweiler grande que dorme na cozinha, mas circula por todo apartamento. Presente do pai, Mariana é apaixonada por ele. Manso vive dando lambidas em todo mundo. Mas um dia, morde de leve o neto de Xavier. Foi o suficiente para se instalar o caos doméstico. “Tchimo mordeu Calvin! Mariana gritou: ‘Eu avisei! Eu avisei!’...Caos em casa. Xavier, o mais calmo. Gisela tentou chutar o cachorro, Mariana rosou para ela. Todos em pé de guerra” (p.73).

A protagonista narra seus sonhos, sempre muito agitados. A narrativa se abre com uma espécie de pesadelo, onde a mãe da narradora preside a “comemoração da loucura”, com as mulheres famintas se entre devorando e tentando o suicídio. É um prenúncio do que está por vir: o caos doméstico. Para se acalmar, a narradora faz uso frequente de pílulas que a ajudam a dormir. Terapia comum no mundo pós-moderno, onde a medicina tem remédio para tudo, mas nem sempre de forma eficiente.

A capa do livro reproduz muito bem a situação da protagonista nessa família pós-moderna. É uma foto de mulher de olhos fechados. Mas a foto está fora de foco, exatamente como ela se sente no seio desta família.

O estranhamento é a palavra chave do drama narrado. Ela se sente estranha e insegura entre seus entes queridos. Nunca sabe como agir e é vítima da solidão. A necessidade de se comunicar é grande, mas os familiares não a entendem. “Me deu vontade de falar com o cachorro o que eu estava sentindo.” (p.73) A filha Mariana vive ouvindo música com seus fones de ouvido, hábito comum entre os jovens, numa forma de individualismo exacerbado. Na contramão das pós-modernas relações líquidas, a protagonista não consegue esquecer Manuel, seu primeiro marido. Diz ela: “À medida que o tempo passava, o amor por Manoel me atordoava mais” (p.85). Chega a propor a separação a Xavier, mas este passa ao largo do problema e a convida a tomar um café. Fim de papo.

A narrativa termina com a festa de casamento de Mariana, com a presença inusitada do cão. A primeira foto, os noivos juntos com Tchimo. Apesar da animação de todos na festa, a protagonista se mantém preocupada e

---

ausente de tudo. Entre seus medos, teme que Mariana entre em trabalho de parto. Insegura, desajustada, sem participar da animação geral. Segundo Bauman, o preço da liberdade é a insegurança, *Unsicherheit*, para os alemães, desconforto complexo que inclui a incerteza, a falta de proteção e acrescento o estranhamento, aqui associado, paradoxalmente, ao amor pela família, queridos estranhos, apesar da solidão irreparável.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *A Sociedade Individualizada*. Vidas contadas e histórias vividas. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

GARCIA-ROZA, Livia. *Solo feminino*. Amor e desacerto. Rio de Janeiro: Record, 2002

\_\_\_\_\_. *meu marido*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. *Meus queridos estranhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VAITSMAN, Jeni. Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea. In: MURARO, Rose Marie e PUPPIN, Andrea Brandão (org.) *Mulher, Gênero e Sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 23/04/2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 26/05/2018.